



Comunicação Social e Educação Popular de Jovens: um desafio para o SUS ¹

Benetido Dielcio MOREIRA²

Eveline Maria Amorim BEZERRA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

O conhecimento através das tecnologias, tais como televisão e internet, está tornando uma das principais causas de superação da desigualdade de informação. Novos atores sociais que utilizam novos espaços de interação, estão utilizando cada vez mais esses meios para produzir informação. A partir de duas reflexões essenciais, verificamos as formas como as propagandas do Sistema Único de Saúde tem impacto nos jovens: se realmente as propagandas conseguem interagir e ser realmente elas são compreendidas pelos jovens. Dentro do projeto, os jovens discutem e propõe sobre a publicidade feita para a prevenção de doenças e cuidados, veiculadas pelo serviços de saúde.

Palavras-Chave

Juventude; Mídias; Saúde Coletiva; Saúde Pública;

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

² Doutor do Curso de Jornalismo da UFMT, email: dielcio@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Rádio e Tv da UFMT, email: evelinebezerra@gmail.com



Introdução

Passar as informações necessárias à população é um desafio que o SUS (Sistema Único de Saúde) vem enfrentando há muito tempo. Transmitir informações de prevenção e tratamento, muitas vezes simples, mas que fazem toda a diferença, de uma maneira que a população assimile, se tornou tema de pesquisadores tanto da área da saúde quanto da comunicação. É visível a lacuna que separa a transmissão da mensagem e a compreensão da população, principalmente quando falamos dos jovens. Baseado nesse fato, professores e alunos do Núcleo da Infância e da Juventude (NECOIJ), do Departamento de Comunicação Social e do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso e membros do Movimento Popular de Saúde participam em conjunto de uma pesquisa envolvendo a juventude e o SUS, cujo objetivo é compreender como se dá a relação dos jovens com a saúde.

O Núcleo de Pesquisas Comunicação, Infância e Juventude possuem pesquisadores que estudam o relacionamento de crianças e jovens com as diferentes mídias. O Núcleo contribui com a visão que as emissoras têm sobre o jovem, a maneira como é passada essa linguagem e como o jovem estabelece um vínculo com o sistema midiático, pois os adolescentes são a faixa etária que menos procura o SUS, principalmente como forma de prevenção, só recorrendo a ele quando já estão doentes.

Nessa perspectiva, os estudos de comunicação situam-se dentro do conjunto das ciências sociais, integrando o campo da saúde coletiva.

Graças à tecnologia, entre outros fatores, o conhecimento pode tornar-se uma das principais causas de superação de desigualdades e de propagação do bem estar. (LEFEVRE e MADEIRA, 2007, pág 01)

A linha de pesquisa na qual pertencço é Mídia, Comunicação e Saúde. Nessa linha de pesquisa, estudamos como o jovem relaciona-se com as campanhas publicitárias lançadas sobre a prevenção e cuidados com a saúde.

As campanhas publicitárias do Governo Federal, feitas em vídeo, sites, blogs, dentre outras redes sociais, são mostradas para os jovens e discutidas. O principal foco é saber se a linguagem que está sendo usada é entendida pelo jovem, se a mensagem realmente está interagindo com aquele jovem.

Saúde e mídia é apenas uma noção de direito à comunicação como inerente ao direito à saúde, buscando estudar e desenvolver metodologias de análise sobre os



dispositivos pelos quais a mídia participa da produção social dos sentidos da saúde e como o uso das tecnologias de comunicação, de modo isolado ou convergente, pode favorecer a ampliação ou restrição desse direito.

Antigamente as campanhas publicitárias eram feitas de forma rudimentar, interligadas com as campanhas políticas, de forma a persuadir e alienar a população para fazer aquilo que o governo estava propondo:

As campanhas de saúde através dos meios de comunicação de massa estavam sustentados em modelos provenientes das teorias da propaganda política, das teorias da persuasão, modelos que visavam a efeitos de ordem comportamental mediante o convencimento. Por não levar em conta os complexos processos de atribuição de sentido aos problemas de saúde, as campanhas se defrontaram (e continuam a se defrontar) com barreiras situacionais, cognitivas e culturais às vezes intransponíveis. (NATANSOHN, 2004, p.02).

Aqui entra em cena um conceito e que será o centro das discussões das campanhas publicitárias feitas aos jovens: atingir a participação comunitária e a educação e comunicação para a saúde.

A educação em saúde, bem planejada, orientada e executada será um dos elementos mais importantes do êxito a ser alcançado em qualquer programa de saúde pública a ser implementado, com a participação indispensável da comunidade a que se destina e fundamentada nas técnicas educacionais e de comunicação social.

A desigualdade, quando tratada no âmbito da comunicação, é traduzida nas diferentes possibilidades de produção, circulação e apropriação dos bens simbólicos da saúde, que refletem a concentração do poder de falar e se fazer ouvir.

Além de compartilhar dos mesmos pontos de partida e compromissos que orientam as pesquisas, o curso tem entre suas buscas a desnaturalização e desconstrução da perspectiva instrumental da comunicação, historicamente hegemônica na saúde, em favor de uma noção de comunicação como fator estruturante da produção social dos sentidos. (ARAÚJO, 2007, pág 13)

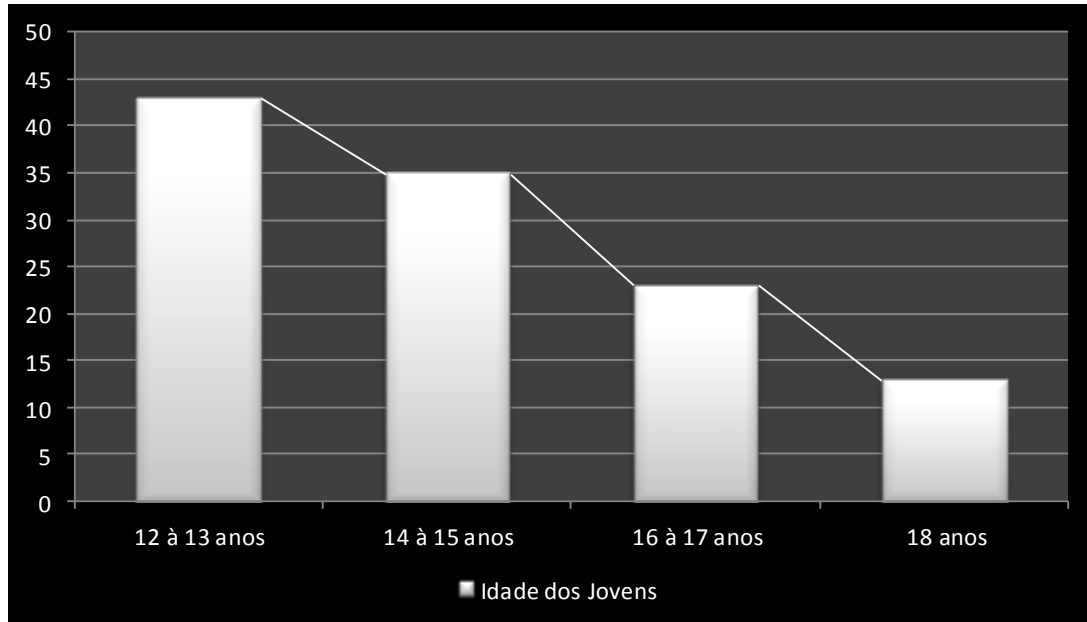
Mídia, Comunicação e Saúde

O grupo realiza suas pesquisas no bairro Canjica e na cidade de Nossa Senhora do Livramento. A primeira etapa de coleta de dados já foi realizada. Foram feitos estudos quantitativos com as famílias desses locais, para compreender como elas e, principalmente, os jovens utilizam o SUS, assim como, o uso que fazem dos meios de comunicação de massa. Dados coletados e entrevista feitas com as famílias que



frequentam o SUS, colocaram que os jovens somente procuram quando a doença já está grave, ou porque dizem não ter tempo para ir até um posto ou por simples desinteresse.

O gráfico mostra que a idade varia entre 12 à 18 anos:



A segunda etapa está em andamento, e consiste em realizar entrevistas com os profissionais da saúde que trabalham nas duas localidades. O próximo passo será a realização de grupos focais com jovens moradores, pertencentes às famílias cujos pais participaram do estudo quantitativo.

Nos grupos focais os jovens poderão dar a sua visão sobre o tema e explicar o envolvimento com a área da saúde. Em seguida, serão realizadas oficinas de propaganda, fotografia, redação, entre outras, oportunidade em que os jovens poderão demonstrar como a divulgação do SUS poderia ser mais bem compreendida entre os integrantes desta faixa etária.

O objetivo final é realizar uma exposição aberta ao público com os trabalhos feitos nas oficinas pelos jovens e a conclusão da pesquisa. O grupo espera compreender melhor a visão do jovem sobre a saúde, e como a comunicação pode ajudar a melhorar essa relação.



Referências bibliográficas

ARAÚJO, I. S. de; CARDOSO, J. M; LERNER, K. **Comunicação e saúde:** um olhar e uma prática de pesquisa. *ECO-PÓS-* v.10, n.1, janeiro-julho 2007, pp.79-92.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Ed. Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro – 1989.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983

LEFEVRE, A. M. C.; LEFÉVRE, F.; MADEIRA, W. **Sociedade do Conhecimento, Empoderamento e Produção de Consensos na Saúde.** Revista *ECO-PÓS-* v.10, n.1, janeiro-julho 2007, p.93-106.

MORAES, N. A. de. **Comunicação e saúde:** entre sentidos, interesses e estratégias. *ECO-PÓS-* v.10, n.1, janeiro-julho 2007.

NATANSOJNI, G. **Comunicação & Saúde:** interfaces e diálogos possíveis. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. VI, n. 2, Mayo – Ago. 2004.

PITTA, A. M. **A comunicação serviços de saúde-população:** modelos explicativos e desafios a partir de discussões recentes. Dissertação. (Mestrado em Saúde Coletiva), Rio de Janeiro, IMS-UERJ, 1994.